

NOTAS SOBRE CINOFILIA, RAÇAS CANINAS E ORIGENS¹

Lucas Woltmann Figueiró (UFRGS/PPGAS - lucas.woltmann@ufrgs.br)

Resumo: O presente escrito trata dos modos pelos quais clubes de canis explicam as origens do conjunto de características instituídas como típicas e ideais para as raças caninas. Para tal, examino documentos de padrão racial, estatutos, regulamentos, diretrizes e artigos técnicos produzidos pela Federação Cinológica Internacional (FCI) e sua associada no Brasil, a Confederação Brasileira de Cinofilia (CBKC). Esse material é analisado à luz de elementos teóricos e conceituais elaborados por Anna Lowenhaupt Tsing em “Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno” (2019).

Palavras-chave: Raças caninas. Cinofilia. Paisagens multiespécies.

NOTES ABOUT CYNOPHILIA, DOG BREEDS, AND ORIGINS

Abstract: The present writing deals with the ways in which kennel clubs explain the origins of the set of characteristics established as typical and ideal for dog breeds. To this end, I examine documents on breed standard, statutes, regulations, guidelines and technical articles produced by the Fédération Cynologique Internationale (FCI) and its associate in Brazil, the Confederação Brasileira de Cinofilia (CBKC). This material is analyzed in the light of theoretical and conceptual elements elaborated by Anna Lowenhaupt Tsing in “Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno” (2019).

Keywords: Dog breeds. Cynophilia. Multispecies landscapes.

¹ Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo suporte financeiro.



1. INTRODUÇÃO

Fonte de inspiração científica, literária, cinematográfica, alvo de crítica para alguns, mas razão de ser e trabalhar para outros, as raças caninas são objeto de grande atenção entre interessados por cães. No presente escrito, trato dos modos pelos quais clubes de canis, associações cujo objetivo é promover a criação e a exposição de cães de raça, explicam as origens do conjunto de características instituídas como típicas e ideais para as raças caninas. Mas para que essa reflexão seja interessante e inteligível para as/os leitoras/es, considero importante apresentar algumas considerações iniciais sobre certos conceitos, agentes e princípios.

A origem do que se reconhece como cinofilia², rótulo que condensa desde a criação de cães de raça (estudo, seleção, reprodução, cuidado, exposição e/ou comercialização) à organização em clubes e associações dedicados à sua promoção, pode ser rastreada na Inglaterra da segunda metade do século XIX (Worboys; Strange; Pemberton, 2018). Acompanhando os circuitos imperiais e comerciais ingleses, esse tipo de atividade foi disseminado para o continente europeu e além na passagem do século XIX para o XX (Skabelund, 2011). Atualmente, essas associações compõem um profuso emaranhado de organizações que se estende em confederações, federações, sociedades e clubes ecléticos (dedicados a várias raças caninas) ou especializados (ocupados de raças específicas) distribuídos em escalas internacionais, nacionais, estaduais e locais.

Entre algumas das mais reconhecidas associações do gênero e particularmente relevantes para este escrito, destaco a Federação Cinológica Internacional (doravante FCI), criada no ano de 1911 com o objetivo de “fomentar e proteger a cinologia³ e os cães de raça pura” (FCI, 2020a, tradução livre), e sua afiliada no Brasil, a Confederação Brasileira de Cinofilia (doravante CBKC), criada para ser a sucessora de convênios firmados pelo Brasil Kennel Club (BKC), fundado em 1922, mas hoje apenas mais um entre tantos outros clubes associados da CBKC. Como outras associações do ramo, inclusive concorrentes, como por exemplo o World Kennel Union (WKU), a FCI e suas afiliadas são responsáveis tanto pela promoção de eventos recreativos, competitivos, seminários e palestras sobre raças caninas e o que convém a sua

² Composição de “cino”, do grego kynos, de significado “cão” (Maciel, 2016: 77), e “philia”, do grego φιλία e, de modo, geral traduzido como “amizade”, “vínculo” fortuito ou interessado “de união” (Rocha, 2006: 65).

³ De acordo com Bruno Tausz (1997: 38), trata-se do “estudo científico das origens, formação, desenvolvimento e características morfológicas, físicas e mentais das diversas raças caninas”.



criação, quanto pela realização de estudos técnicos e o controle de dispositivos destinados a regular e orientar “criadores, expositores, árbitros e cinófilos em geral” (CBKC, 2020a).

No momento em que dava os primeiros passos de uma pesquisa qualitativa dedicada ao estudo de clubes de canis e criadores de cães de raça em seu ofício, e, mais especificamente, enquanto conhecia algumas das diferentes modalidades de eventos promovidos por esses clubes (*agility*, *trabalho* e *adestramento*, para citar algumas), fiquei intrigado pelas chamadas *exposições de conformação*. Essas exposições consistem em certames organizados com o objetivo de “selecionar e classificar os melhores exemplares das raças caninas, em conformidade ao Padrão Oficial da Raça adotado pela CBKC” (CBKC, 2018a: 3). Nelas, os cães são conduzidos pelos criadores ou profissionais contratados chamados de *handlers* e apresentados a um árbitro cinófilo⁴ que, como sugere Ianai Silverstein (2007), cumpre duas funções simultâneas: por um lado, avalia cada cão a luz de um parâmetro normativo preestabelecido para cada raça canina (no caso da CBKC, o “Padrão FCI”), e; por outro, compara todos os participantes de determinada categoria (divididas por raça, sexo, idade) entre si com vistas a premiar o exemplar de “qualidade superior” (Tausz, 1997: 18).

Após assistir a dois eventos cinófilos realizados entre fevereiro e março de 2020 no estado do Rio Grande do Sul e, ao mesmo tempo, iniciar o exame de um conjunto de documentos abertos à consulta pública nos sites da FCI e da CBKC, percebi que minha curiosidade recaía mais especificamente no dispositivo reconhecido como padrão racial. “Dispositivo” aqui é entendido no sentido evocado por Giorgio Agamben (2009: 40), ou seja, “qualquer coisa que, de algum modo, tenha a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres vivos”. Em conjugação com outros dispositivos, como o livro de registros genealógicos, o *pedigree*⁵, os próprios certames, *microchips*⁶, entre outros, sua função para o ramo da cinofilia é estruturante. Para compreender o que o padrão racial representa, é instrutivo recorrer à concepção zootécnica do – sempre carregado e sensível – conceito de raça, do qual sua existência é tributária. Segundo

⁴ Aqueles “que, pelo conhecimento cinológico, têm competência reconhecida, por exame de habilitação ao Quadro Oficial de Árbitros, para examinar, avaliar, qualificar e classificar exemplares de raças caninas em exposições oficiais, valorizando os bons exemplares [e] excluindo da criação e reprodução os portadores de defeitos graves, hereditários” (Tausz, 1997: 18).

⁵ Certificado de registro dos cães em um livro genealógico com vistas a assegurar sua linhagem e procedência, ou em outras palavras, “garantir os laços de parentesco” (FCI, 2013: 9, tradução livre).

⁶ Tecnologia usada para “identificar os cães que participam de Exposições Cinófilas do sistema CBKC/FCI” e registrar informações sobre os tutores, cães, “pedigree, premiações, vacinas, consultas e exames” numa “base de dados” (CBKC, 2020b).



Jean-Pierre Digard (2012: 213), de um ponto de vista zootécnico, raça pode ser definida como um conjunto de animais de uma mesma espécie, inscritos em um livro de registros genealógicos e “selecionados em função de um modelo e/ou aptidões particulares”. Os documentos de padrão racial descrevem justamente o modelo e as aptidões particulares ideias para cada raça canina. A história dessa padronização foi e é marcada por negociações entre criadores e clubes de canis. Casos em que as divergências se tornaram irreconciliáveis levaram à divisão de uma raça em duas ou mais, bem como, à criação de novos clubes de canis (Worboys; Strange; Pemberton, 2018).

Para citar algumas definições atribuídas pela FCI e CBKC, esse dispositivo é considerado uma “descrição metódica do arquétipo de uma raça” (FCI, s/d: 1, tradução livre), um “guia das características específicas” (FCI, 2010: 1, tradução livre) capaz de ilustrar o “modelo do tipo correto” para cada uma das quase quatro centenas de raças reconhecidas pela federação (FCI, s/d: 1, tradução livre). De acordo com a CBKC, o padrão racial “funciona como uma referência para a criação” (CBKC, 2013a: 139), e isso na medida em que esse documento descreve a “imagem [...] ideal contra a qual os exemplares são avaliados e selecionados” no cotidiano de envolvidos na cinofilia (CBKC, 2017a: 5). O conjunto de atributos que “conferem distinção” (CBKC, 2015a: 3) a uma raça se comparada a outras e faz com que um exemplar “se pareça o suficiente com os seus congêneres da mesma raça” (CBKC, 2015d: 8), é definido como “conformação típica”. É ela que o “Padrão FCI” de cada raça canina descreve. O “tipo” parece se referir ao que é característico, particular e representativo de uma raça, a “personificação” das “características que mais fazem um Rottweiler parecer um Rottweiler” (CBKC, 2017a: 3), como sugere artigo técnico veiculado pela CBKC com o objetivo de subsidiar o trabalho de árbitros cinófilos que atuem em exposições de cães desta raça.

Ainda que ostentem diferenças mais ou menos sutis entre si, os documentos de “Padrão FCI” oferecem descrições detalhadas de aspectos como um “breve resumo histórico” das origens das raças caninas, a função para qual foram e/ou são criadas, aparência geral, comportamento e temperamento, características morfológicas (cabeça, região facial, pescoço, tronco, cauda, membros, pele, pelagem, cor, tamanho/peso, itens por vezes explicados através de analogias e metáforas para com outros animais e vegetais⁷), “proporções importantes” das e

⁷ Vide o caso das orelhas ideais da Raça Xoloitzcuintle que precisam ser “longas, grandes e expressivas, muito elegantes e de textura delicada”, lembrando “as orelhas de morcego” (CBKC, 2014: 5), ou o Padrão Oficial da Raça Fox Terrier Pelo Duro (Wire) e seu alerta ao fato de que “orelhas eretas, em forma de tulipa ou em rosa são altamente indesejáveis” (CBKC, 2009a: 4).



entre as partes do corpo (não raro ilustrados a partir de formas geométricas e angulações precisas⁸), e “faltas” – algumas delas “gerais” e eliminatórias, motivadas por condições como cegueira, surdez, anomalia física, etc., e outras “específicas”, dedicadas a “manter as características raciais dentro dos limites utilitários considerados aceitáveis para a mesma” (CBKC, 2013a: 145) e penalizar “propriedades que vão rotundamente de encontro ao tipo ideal da raça” (FCI, s/d: 1, tradução livre). De um lado, descrições e detalhamentos que tentam construir um modelo de “tipo ideal” a ser buscado em cada raça, e de outro, graus de desvio que apontariam para a direção contrária.

Na medida em que começava a examinar esses documentos de “Padrão FCI” e percebi o quanto insistiam em sublinhar o conjunto de características que conferiam a dita conformação típica a uma raça, cresceu minha curiosidade sobre os modos pelas quais a FCI e a CBKC explicavam as origens dessas especificidades. Considerando que raças caninas não são entidades “naturais” ou se reduzem a conveniências classificatórias, não me parecia prudente desprezar minha curiosidade sobre como raças caninas e os cães assim identificados se tornaram desse ou daquele jeito. Ora, o que justifica uma raça ostentar um tipo e não outro? Como se explicam as origens do conjunto de características estabelecidas como ideais para cada raça canina? Após análises exploratórias, vi no quesito “breve resumo histórico” que integra o “Padrão FCI” um caminho particularmente inspirador para estudar esse tipo de questão. Essa inspiração se consolidou como o objetivo do presente escrito: busca-se analisar os modos pelos quais a FCI e a CBKC explicam as origens do conjunto de características instituídas como típicas e ideais para as raças caninas.

A despeito de ter apreciado um pequeno número de “exposições de conformação”, provas de trabalho, eventos recreativos e solidários como espectador, para levar esse empreendimento analítico adiante me concentro no exame de documentos institucionais produzidos pela FCI e CBKC. As fontes de pesquisa incluem, especialmente, os documentos de “Padrão FCI”, mas também estatutos, regulamentos, diretrizes e artigos técnicos. Do ponto de vista teórico e conceitual, o presente escrito se inspira na antropóloga Anna Lowenhaupt Tsing (2019). A intenção não é fazer uma exegese de sua proposta analítica, mas explorar a potencialidade de

⁸ O que transparece de passagens como, por exemplo, a necessidade do focinho da raça Terrier Brasileiro possuir a “forma um triângulo isósceles dos cantos externos dos olhos à ponta da trufa” quando “visto de cima” (CBKC, 2018b: 4), ou mesmo da cabeça da raça Akita Americano que deve “forma[r] um ângulo obtuso” (CBKC, 2015b: 4) e de seus metacarpos que precisam ser “ligeiramente inclinados para a frente em um ângulo de aproximadamente 15° para a vertical” (CBKC, 2015b: 5).



pistas e ferramentas conceituais trabalhadas pela autora em “Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno” (2019). Nesse percurso, pensar *com e a partir de* Tsing acabou me conduzindo para diálogos com outras inspirações, suas e minhas, como Donna Haraway, Tim Ingold e Jacques Derrida.

Antes de seguir, no entanto, duas ressalvas sobre os rumos da análise se fazem necessárias.

Em primeiro lugar, estou ciente de que há um oceano entre o modelo considerado típico e ideal para cada raça e a realidade feroz e ordinária de cada cão e do conjunto de relações do qual é partícipe. No entanto, aviso ao leitor que, neste trabalho, deixo temporariamente em suspenso os instigantes desafios de explorar como a “alteridade dentro da mesmice” (Wallen, 2011: 145, tradução livre) é pensada e vivida, ou seja, como a diversidade ordinária e contingente rompe com as expectativas padronizadas que regem os modelos ideais das raças caninas. Valendo-me da potente elaboração de Glória Anzaldúa (2000: 233), estou ciente de que, em muitos casos, “o perigo é ser muito universal [...] e invocar o eterno ao custo de sacrificar o particular”. Entretanto, antes de alcançar *o particular*, decidi me deter sobre os modos pelos quais se *invoca o eterno*. Como espero demonstrar no decorrer do artigo, pistas da complexa relação entre ambos emergem e fazem transbordar curiosidades e rastros promissores para pesquisas futuras.

Em segundo lugar, considerando a extensão do material consultado (quase quatro centenas de raças caninas reconhecidas e seus respectivos documentos de "Padrão FCI") e a diversidade de explicações encontradas, julguei necessário fazer alguns recortes e privilegiar certos aspectos. Ao longo do artigo, portanto, dou especial ênfase a explicações que, ao narrar histórias de paisagens e sintonizações interespecíficas como fundamento da origem da tipicidade particular das raças, não apagam, mas diluem, a participação humana no processo de seleção e controle reprodutivo que faz raças e cães assim identificados. Talvez semelhante a Anna Lowenhaupt Tsing, esses documentos parecem querer chamar atenção para o fato de que humanos são parte da história, mas não a fazem de modo autônomo. No entanto, para que a contribuição humana (em especial, uma contribuição historicamente situada) não seja minimizada, nas considerações finais deste artigo apresento explicações sobre as origens da raça *rastreador brasileiro*. Ao elaborar relações interespecíficas um pouco diferentes daquelas majoritariamente apresentadas no artigo, essa análise convida a vislumbrar o caráter maleável



e os usos estratégicos que criadores de cães de raça e clubes de canis fazem de histórias de origem em seu ofício.

No que tange à estrutura, esse escrito se divide em quatro partes, incluindo essa introdução. Na segunda seção apresento as principais inspirações, pistas e conceitos úteis para levar adiante o empreendimento reflexivo proposto. A luz dessas pistas, na terceira seção teço análises sobre o conjunto de documentos consultados. A quarta e última parte, por fim, consiste em breves considerações finais, incluindo uma retomada do argumento apresentado no artigo e novos elementos.

2. INSPIRAÇÕES, PISTAS E CONCEITOS

Enquanto me aventurava na busca por leituras críticas capazes de me conduzir para além do mundo *anthropos*, tropecei na maior inspiração teórica e conceitual deste texto. Trata-se da obra “Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no antropoceno” (2019), coletânea que reúne dez artigos e pequenos interlúdios publicados pela antropóloga Anna Lowenhaupt Tsing em capítulos de livros e revistas científicas entre os anos de 2011 e 2017, e agora traduzidos para o português.

Se valendo de diálogos colaborativos e uma grande dose de interdisciplinaridade, ao longo dos textos que compõe esse compêndio Tsing alerta seu leitor para o compromisso inadiável de valorizar analiticamente socialidades mais que humanas. Sem entrar nos pormenores de cada texto e no trato do conceito-forte de “Antropoceno”, fiquei inicialmente interessado pelo conjunto de ferramentas analíticas que a autora coloca à disposição de seus leitores. Conceitos como “simbiose”, “coordenação”, “história” e “paisagem” passaram a influenciar na forma como vinha me aproximando das questões que impulsionaram a redação deste texto. Para o que convém aos meus interesses, Tsing (2019: 91) sugere que “cada termo tem suas próprias possibilidades”. Seguindo suas pistas, e interessado em explorar algumas dessas possibilidades, nesta seção me ocupo de fazer um apanhado geral desses conceitos.

Nossa aventura – não exaustiva, vale lembrar – pelas ideias de Tsing começa no capítulo 4 do já referido compêndio. Inspirada pelo estudo de “simbioses biológicas” entre fungos e árvores na floresta satoyama, no Japão central (Tsing, 2019: 91), Tsing trata do conceito de “simbiose” a partir do debate formalista-substantivista na Antropologia e de seus paralelos na



Biologia, concedendo especial valor analítico às abordagens substantivistas. Em busca de “aliados” (Tsing, 2019: 114) e diálogos construtivos com nossos colegas das ciências naturais, Tsing tece elogios à Ecologia Substantivista na medida em que permitiria ao analista pensar os “organismos emergindo de relações, em vez de preexistentes como indivíduos autônomos com interesses próprios” (Tsing, 2019: 97). Com base nesse paradigma compreensivo considera-se que a “evolução seleciona relacionamentos, não unidades individuais, em qualquer escala”, de modo que a simbiose poderia ser considerada a “característica básica do processo evolutivo” (Tsing, 2019: 97).

A pista subjacente a essas passagens nos alerta que os entes não preexistem às relações, eles *chegam a ser* justamente através delas. Como nas palavras de Donna Haraway (2019: 51, tradução livre), uma de nossas inspirações, “relacionamentos são as menores unidades possíveis de análise; parceiros e atores são seus produtos em constante desenvolvimento”. Tsing (2019: 75) parece levar essa premissa em conta, pois, em sua definição, “indivíduos” seriam “trajetórias interativas contínuas” sempre “capazes de reconfigurar a si mesmos durante suas vidas de forma a permitir que se adaptem a condições mutáveis”. O termo “devir-com” parece exprimir essa ideia ao sinalizar a relacionalidade constituinte e contingente que caracteriza os encontros entre humanos e não humanos – bem como, entre não humanos e não humanos, pois como Tsing (2019: 128) adverte de forma sagaz, “às vezes, os humanos não são nem um pouco protagonistas”. Como nas palavras da autora, “em todas as escalas, desde os nossos intestinos até o nosso planeta, precisamos de paisagens de habitabilidade comum, alcançadas por meio de simbiose e coordenação” (Tsing, 2019: 114).

No entanto, de acordo com Tsing (2019: 98), isso não significa desconsiderar “genes, organismos e populações como atores na história evolucionária”, mas a isso agrega um desejo de examinar como os entes “emergem – e, então, como eles negociam a sobrevivência e a continuidade histórica” junto de outras espécies. Considerando que para Tsing uma paisagem de habitabilidade comum “pode existir em qualquer escala desde que abranja padrões de heterogeneidade” (Tsing, 2019: 248), seu exame demanda o desenvolvimento de uma “lente para observar organismos interagirem uns com os outros” (Tsing, 2019: 94). É isso que o conceito de “coordenação” representa. Tsing indica que, ao menos num primeiro momento, imaginou a “coordenação entre modos de vida multiespécie como [...] uma composição musical na qual cada parte representa uma melodia independente” em que – e isso é importante – “os ouvintes devem acompanhar os momentos em que essas partes criam um efeito entre si” (Tsing,



2019: 101-102), ou seja, devem estar atentos aos “devires que eles proporcionam em seus encontros” (Tsing, 2019: 148). Uma citação da artista e antropóloga Elaine Gan reproduzida por Tsing nos permite refinar esse conceito:

[...] coordenações surgem de múltiplas trajetórias que podem ser consideradas como sequências e limiares para intimidade e imensidão, continuidade e mudança. Coordenações não são ocorrências coincidentes, ou coisas que apenas acontecem ao mesmo tempo. Coordenações emergem de sequências que sedimentam, repartem-se, resistem, repercutem, extinguem e permanecem adormecidas. A partir dessas variações e interseções entre variações, uma sintonização específica se desdobra e se repete. A matéria e o mundo se tornam e evocam uma multiplicidade de temporalidades, ou de uma coordenação entre as diferenças historicamente constituídas que se conjugam e são concretas (Tsing, 2019: 148 apud Gan, 2013: 2-3).

Coordenações *não são ocorrências coincidentes* ou *coisas que apenas acontecem ao mesmo tempo*, mas uma *sintonização específica* que, *ao se desdobrar e se repetir*, conjugam ou fazem aflorar uma *justaposição* entre *diferenças historicamente constituídas*. A justaposição ou “estrutura conjunta” que as micorrizas fazem entre pinheiros e fungos são exemplares desse “aparato de coordenação” teorizado por Tsing (2019: 155). Na medida em que a “diversidade é criada” através de “sinergias” como essa, sugere ela, a pista chave é “narrar as histórias em que a diversidade emerge” (Tsing, 2019: 24). Tsing (2019: 172) chama isso de “método de reconstituição histórica”, um investimento descritivo e analítico dedicado a “trazer histórias para o presente, preenchendo o presente com os traços de interações e eventos anteriores”.

Mas uma ressalva importante precisa ser feita: “não é o fluxo da história” que deve reter toda atenção do analista, é preciso atentar para “o súbito afloramento de uma oportunidade contingente para justaposições estranhas” (Tsing, 2019: 82), sejam elas fruto de relações interespecíficas harmônicas ou mesmo expressem seu caráter mais “brutal e hierárquico” (Tsing, 2019: 92). Em sua proposta analítica, parece estar em jogo abrir mão de um foco restrito ao indivíduo e investir na valorização de “histórias de linhas de vida emaranhadas” (Tsing, 2019: 41). Como Tsing convida a pensar a partir de suas observações sobre o trabalho colaborativo de catadores, alces, pinheiros, cogumelos matsutake e plantas *candy stick* (pequena planta no chão da floresta que depende do matsutake para sua existência), são “as linhas de vida cruzadas” que “guiam a performance”, pois na medida que seus partícipes “perambulam nos caminhos uns dos outros, conseqüentemente tocando-se em algumas ocasiões”, eles também “incorpora[m] as performances da vida dos outros em suas próprias



performances” (Tsing, 2019: 41). As “histórias sempre, e inevitavelmente, reúnem o que as classificações separam”, lembra de forma oportuna o antropólogo Tim Ingold (2015: 236).

Quando levamos a sério a proposta analítica de Tsing, torna-se possível jogar luz sobre os limites estreitos de histórias restritas aos humanos. Poderíamos investigar o perverso processo de colonização do continente americano sem os múltiplos relacionamentos entre humanos, cães, cavalos, plantas, fungos, bactérias, vírus...? Os “humanos são parte da história”, mas “não fazem a história”, adverte Tsing (2019: 149). E mesmo se consideramos essas e outras espécies companheiras em cena, parece necessário cautela para evitar cair no erro de essencializar sua presença a partir dos aparatos que regem sua classificação. Sempre há mais em jogo do que a espécie ou qualquer taxonomia, e isso na medida em que “um fazendeiro e um financista têm diferentes performances humanas; assim como um cavalo de corrida e um cavalo que puxa um arado têm diferentes performances cavалares” (Tsing, 2019: 248). Recorrendo novamente a elaborações teóricas de Tim Ingold, trata-se de reconhecer que as coisas no mundo não devem sua constituição à essências predeterminadas ou naturais, mas sim à “trajetórias de movimento e mudança em um campo de relações em desdobramento”, de modo que “qualquer coisa – capturada em lugar e momento determinados – envolve dentro da sua constituição a história das relações que a trouxeram até aí” (Ingold, 2015: 236).

Para estudar os campos de relações interespecíficas em desdobramento e “pensar através de uma variedade de escalas, de tempos distantes a eventos atuais”, Tsing (2019: 248) aciona o conceito de paisagem multiespécie. Após examinar as genealogias em torno do termo e alguns dos sentidos que ainda assombram sua apropriação metodológica na antropologia, Tsing define paisagem como um “palimpsesto de movimentos humanos e não humanos” capaz de produzir – mesmo que por tempo indeterminado – “uma biografia comunitariamente entrecruzada” (Tsing, 2019: 82), isto é, um “ponto de encontro para os atos humanos e não humanos e um arquivo de atividades humanas e não humanas do passado” (Tsing, 2019: 17). Sintonizando histórias em uma biografia compartilhada, os entes performam a paisagem e atuam “moldando as vidas uns dos outros de forma variada” (Tsing, 2019: 66). Para a autora, portanto, paisagens representam

[...] reuniões em que muitos seres vivos — e também coisas não vitais, como rochas e água — tomam parte. Eles se encontram para negociar sobrevivência colaborativa, o “quem vive e quem morre” e o “quem fica e quem sai”, performances da paisagem. Eles podem não se conhecer diretamente. Podem ignorar uns aos outros [...]. Mas cada um declina ou floresce nos efeitos de projetos de fazer-mundo iniciados e mantidos pelos outros (Tsing, 2019: 247-248).



Enfim, de modo geral, as pistas e conceitos abordados até o momento revelam uma orientação analítica voltada aos sempre indeterminados encontros e entrelaçamentos históricos entre seres vivos e coisas não-vitais e como essas relações criam, sustentam, desfazem, ou seja, performam, paisagens multiespécies. Como Tsing indica de forma provocativa,

[...] este é o novo animismo de que precisamos – não limitado a animais singulares, em seus paralelos com os humanos, mas distribuído entre paisagens de habitabilidade. Em meio a perturbações, simbioses, coordenações, histórias, as paisagens oferecem o inesperado. (Tsing, 2019: 116)

Mas, além desse breve (e reducionista) quadro teórico-conceitual, outras percepções de Anna Lowenhaupt Tsing podem ser relevantes para pensar as raças caninas. Refletindo sobre “como estudar mundos sociais de seres que não podem falar conosco”, e pensando mais especificamente na vida social de plantas e fungos, Tsing aponta como caminho profícuo investir na “observação da forma corporal” dos seres (Tsing, 2019: 126). No que se refere a fungos, Tsing indica que, ainda que “não consigam se mudar para outro lugar”, eles continuam “crescendo e mudando ao longo de suas vidas”, de modo que “suas formas mostram suas biografias; é uma história das relações sociais através das quais elas foram moldadas” (Tsing, 2019: 127). Interessante pista... Como espero demonstrar na próxima seção, explicações sobre os corpos caninos considerados ideais também oferecem “um vislumbre privilegiado das histórias sociais inscritas na forma” (Tsing, 2019: 127). Semelhante aos fungos que tanto inspiraram Anna Lowenhaupt Tsing, “o corpo mosaico resultante” da história das relações sociais que levaram à origem e ao desenvolvimento das raças caninas também traz à tona “todos os tipos de possibilidades: você e você e você e eu, tudo em um” (Tsing, 2019: 69).

3. SINTONIZANDO HISTÓRIAS

[...] encontro-me poderosamente atraída pela história. Como as coisas se tornaram desse jeito lá, ou ali? [...] a história é como uma comichão para mim ao estudar paisagens: ela estimula a necessidade de rastrear detalhes e reunir histórias. (Tsing, 2019, p. 82)

Semelhante a Tsing, encontro-me “atraído pela história”, mas de um modo diferente. Estou particularmente interessado em *como cães de raça se tornaram desse ou daquele jeito lá, ou ali*. Para atender a essa “comichão”, também me dediquei a “rastrear detalhes e reunir histórias” em que a diversidade emerge, ainda que no meu caso, a diversidade racial e de tipo



canino. Nesse percurso, os “breves resumos históricos” das raças caninas inscritos nos documentos de “Padrão FCI” foram excelentes guias:

O Pastor da Anatólia é um pastor de guarda de antiga linhagem, provavelmente descendente dos grandes cães de caça existentes na Mesopotâmia. A raça se desenvolveu durante anos para adaptar-se a um conjunto específico de circunstâncias. Entre estes, o elemento mais formativo foi o clima – verões quentes e muito secos, invernos muito frios –, o estilo de vida sedentário das pessoas, semi ou totalmente nômades, e o trabalho atribuído aos cães. Eles guardavam rebanhos [de ovelhas] viajando grandes distâncias no “Planalto Central da Anatólia”. [...] (CBKC, 2016: 3).

Esse fragmento é parte do “Padrão FCI” da raça *pastor da anatólia*. Nele, somos convidados a imaginar seus ancestrais mais longínquos, um conjunto de socialidades mais que humanas e circunstâncias ambientais, climáticas e laborais que, articuladas, representariam os *elementos formativos* – para me valer da terminologia utilizada no próprio documento – da constituição típica inscrita no “Padrão FCI” desta raça. Ainda que muito diversos em termos de conteúdo e, em alguns casos, até mesmo ausente destes documentos, boa parte dos itens de “breve resumo histórico” consultados parecem compartilhar essa estrutura e raciocínio. Em alguns casos essa composição parece ainda mais nítida para o leitor, como se pode perceber em um trecho do “Padrão FCI” da raça *perdigueiro português* citado a seguir:

O cão Perdigueiro Português é originário da Península Ibérica e descende do antigo Perdigueiro Peninsular, ancestral comum de outros cães de aponte. Evoluiu adaptando-se ao clima, ao terreno, à caça e por uma seleção sócio-cultural imposta pela especificidade dos portugueses que os estavam criando há séculos com o propósito da caça. A raça conserva as características morfológicas e funcionais semelhantes às atuais. [...] (CBKC, 2009b: 3)

Nessas narrativas de origem, referências nacionais, regionais, locais e/ou territoriais são identificações importantes, compondo inclusive o nome atribuído a muitas das raças caninas – como, por exemplo, *boiadeiro de Entlebuch*, *cane corso italiano*, *cão da montanha dos Pireneus*, *fila brasileiro*, *buldogue francês*, entre outros. Expressões como “raça é originária dos” (CBKC, 1999a: 3), “raça autóctone de” (CBKC, 1999b: 3) e “única raça registrada nativa da” (CBKC, 1996: 3) também são frequentes. Valendo-me das palavras Tsing (2019: 149) para fins outros, essas referências parecem fornecer às raças caninas os “contornos geográficos e históricos que lhe conferem uma composição e caráter particulares”. Mas não apenas isso, essas referências também ajudam a produzir “um lugar familiar na paisagem” apresentada ao leitor, e isso é analiticamente provocativo na medida em que, como sugere Tsing (2015: 181), “lugares familiares” permitem o “início da apreciação das interações multiespécies”. De fato, a



apreciação desse tipo de interação – ou se o leitor preferir um termo alternativo, “intra-ação” (Barad, 2017: 19-20) – é um dos aspectos chave desses dispositivos. Isso pode ser ilustrado a partir das narrativas em torno da raça *pastor de kangal*, na qual entrelaçamentos históricos interespecíficos são tecidos *pari passu* a esse tipo de referência. Inicialmente o próprio documento reconhece que “raramente é possível se chegar a um histórico preciso, especialmente quando se trata de cães de proteção pecuária”, no entanto, indica que

[...] A questão sobre as origens do Cão Kangal que conhecemos hoje deve ser sobre o que os levou, na Turquia, a ter um padrão mais uniforme em termos de tipo e especialmente de cor. Acredita-se que a resposta estaria ligada a uma região do Leste da Turquia altamente povoada por esses cães, e o tipo de raça de ovelha que são conhecidos por proteger: Ovelhas Akkaraman. Ambos parecem compartilhar a mesma máscara preta em um casaco pardo colorido, sobre as vastas estepes do Leste da Turquia cercadas por altas montanhas, criando uma população relativamente isolada. Isto sugere uma perfeita camuflagem e adaptação para ambos. O nome da raça, Kangal, parece vir da cidade de Kangal ao largo de Sivas, onde a raça atraiu a atenção mundial com qualidade excepcionalmente alta e exemplares uniformes. (CBKC, 2018c: 3)

Além da influência que as vastas estepes e montanhas do Leste da Turquia ou mesmo a tese sobre seu relativo isolamento geográfico poderia gerar, é interessante notar como o laço íntimo entre ancestrais dessa raça e “ovelhas Akkaraman” é representado como aspecto-chave para o desenvolvimento de uma das particularidades fenotípicas mais distintivas e típicas desta raça: a *máscara preta em um casaco pardo colorido* – que, por sinal, ambos parecem compartilhar. Como lembra Donna J. Haraway (2019: 27, tradução livre), “ser um é sempre vir a ser com muitos”. De modo geral, ao sublinhar um tipo de coordenação ou sintonia entre cães-ovelhas-humanos, a explicação das origens da raça *pastor de kangal* parece recorrer à imagem de um “trabalho colaborativo” (Tsing, 2019: 102) e, dele, bem como de outros elementos, extrair as justificativas para o desenvolvimento de algumas de suas especificidades raciais consideradas típicas e ideais.

Mesmo apresentando marcos históricos, coordenações e paisagens multiespécies distintas, outras narrativas do gênero parecem seguir premissas parecidas. Com base em descrições mais ou menos refinadas sobre a possível influência de regiões, climas e histórias de relações interespecíficas de predação e/ou cooperação, o leitor é convidado e imaginar humanos e cães envolvidos em “diferentes modalidades do estar, em verdade do estar-com” outras espécies (Derrida, 2002: 27). Nesse ínterim, dentre os possíveis fatores ou elementos formativos do conjunto de características típicas de uma raça, um parece ser particularmente preponderante nas explicações que encontrei: a imagem modelo de sua suposta função “ancestral”, “original”



ou “ideal”. De acordo com documento elaborado e divulgado pelo Conselho de Árbitros da CBKC, “é a função que determina o melhor tipo e a mais importante característica do cão de raça pura. Sem função, não há tipo ou raça verdadeira”, de modo que “se desejamos preservar e proteger a raça como uma entidade funcional neste mundo moderno”, o que deve “ser o objetivo de qualquer árbitro em qualquer raça”, é “importante entender e apreciar” sua “função” (CBKC, 2017b: 5).

Exemplos nesse sentido são muitos. A raça Mastim Espanhol é lembrada pelo fato de sua constituição e “função ancestral” estar “intimamente ligada ao movimento sazonal e em especial, ao gado Merino, ao qual acompanhou, desde os tempos da ‘Mesta’ (associação de criadores nômades de rebanhos), defendendo-os dos lobos e dos demais predadores” (CBKC, 2012a: 2). Já a raça *mudi* é valorizada tanto pela “condução de ovelhas e outras espécies mais difíceis de manejar”, quanto pela função exercida em “caçadas de javalis selvagem” (CBKC, 2004: 2). A raça *parson russell terrier*, por sua vez, é destacada por ser “originalmente um ‘terrier’ criado para o trabalho de caça à raposa” (CBKC, 2017c: 3), enquanto a raça *rhodesian ridgeback*, tem descrita como “função original” a tarefa de “localizar a caça, especialmente o leão e, com grande agilidade, guardá-lo a distância até a chegada do caçador” (CBKC, 1996: 3). No entanto, a função “original” de uma raça não necessariamente permanece estável ao longo do tempo. A raça *cesky terrier* ilustra esse aspecto, pois mesmo se tratando “originariamente [de] uma raça criada para caça à raposa e ao texugo, hoje, no entanto, atua mais como cão de companhia” (CBKC, 1998: 2). Algo semelhante pode ser identificado na história da raça *lagotto romagnolo* que, de acordo com seu “Padrão FCI”, precisou se readaptar a um conjunto de novas circunstâncias e relações interespecíficas:

Raça antiga que busca e traz a caça da água nas planícies de Comacchio e nas zonas pantanosas de Ravenna. Durante séculos os grandes pântanos foram drenados e transformados em terras cultiváveis. Subsequentemente, o Lagotto se transformou de um cão de caça em um cão de faro, procurando trufas (tipo de cogumelo que nasce debaixo da terra) na parte plana e aberta do país e nas colinas de Romagna. (CBKC, 2015c: 3)

Talvez Tsing se interessasse por essa raça e suas novas façanhas laborais ideais... Outras histórias, tais como o “breve resumo histórico” inscrito no “Padrão FCI” da raça *podengo português*, dão conta de que, não apenas a função idealizada para certa raça canina muda de acordo com as transformações circunstanciais e sociais a que os cães são submetidos e os entes



com que se relacionam, mas as próprias características morfológicas são transformadas com base na performance laboral idealizada:

Cão do tipo primitivo que tem a sua provável origem nos antigos cães trazidos pelos Fenícios e Romanos para a Península Ibérica na clássica antiguidade. Posteriormente teve influência com a introdução de cães que acompanharam os mouros nas invasões no séc. VIII. Adaptou-se ao território e ao clima português, originando o que é hoje o Podengo Português. Evoluiu morfológicamente ao longo dos séculos, em razão da funcionalidade, tendo sido selecionada a variedade pequena, a partir do séc. XV, como um cão caçador de ratos nas Caravelas dos navegadores portugueses. (CBKC, 2009c: 3)

Como essa citação exemplifica, quando os documentos de “Padrão FCI” narram não apenas a origem, mas o desenvolvimento de uma raça e de sua tipicidade, eles costumam valorizar o peso formativo da “seleção natural” *pari passu* o engajamento e direcionamento humano - nesse caso em particular lembrando que, além de fofos, afáveis e parceiros de trabalho, cães também são “parceiros de crime da evolução humana” (Haraway, 2003: 5, tradução livre). Em outras narrativas, linhas de vida cruzadas trazem à tona sintonias mais amistosas, mas nem por isso menos formativas de suas respectivas especificidades raciais ou livre de qualquer tensão com outras espécies. A raça *schnauzer*, por exemplo, é lembrada pela função exercida na “região Sul da Alemanha” como “cão de cocheira”, e isso “porque ele se sentia muito bem em companhia de cavalos”, um sentimento que, no entanto, não parecia se estender para outros animais, haja vista que segundo seu “Padrão FCI”, ele “ansiosamente procurava todos os tipos de roedores para matá-los rapidamente”, hábito que lhe garantiu o “apelido de ‘caçador de ratos’” (CBKC, 2007: 3).

Essa raça nos permite agregar outros elementos à análise. Como a relação genealógica entre as raças *schnauzer* e *smoushond holandês* apresentada em seus respectivos documentos de “Padrão FCI” deixa transparecer, em alguns casos os elementos formativos do conjunto de características consideradas típicas para as raças caninas são representados como reflexo da incorporação de histórias e paisagens multiespécies ancestrais de outras raças que tenham integrado sua linhagem até o momento de estabilização de sua versão ideal. Esse nexos fica evidente quando a raça *smoushond holandês* é apresentada em seu “Padrão FCI” como “muito popular entre a classe média alta na Holanda” ao longo do século XIX pelo seu hábito de “acompanhar cavalos, carruagens e caçar ratos nos estábulos” (CBKC, 2012b: 3). Ainda que o próprio documento reconheça que sua “origem” é “incerta”, ele aponta a raça *schnauzer* de pelagem amarela como um de seus ancestrais, argumento que endossava uma imagem de



“gentis cães de estábulos” que expressaria o temperamento considerado ideal para a raça (CBKC, 2012b: 3).

A representação em torno das origens de outra raça também é exemplar desse aspecto. De acordo com o “Padrão FCI” da raça *tosa*, “antigamente, um cão de luta, hoje em dia, cão de guarda” (CBKC, 1997: 2), ela teria sido “desenvolvida como um híbrido de Shikoku-ken e de raças Ocidentais”, em especial *bulldogues*, *mastiffs*, *pointers alemães*, *dogues alemães*, *são bernardos* e *bull terriers*, de modo que “as características estabelecidas nos Tosas, de coragem e instinto de luta, tipicamente encontradas nos Mastiffs, podem ser atribuídas ao envolvimento de tais raças” (CBKC, 1997: 3). Nas raças *smoushond holandês* e *tosa* usadas como exemplo, mas em tantas outras, é interessante notar como a representação de “linhas de vida cruzadas” – ou nos termos mais comuns de documentos cinófilos, *de sangue* – entre raças distintas é acionada como justificativa para explicar a “incorpora[ção][d]as performances da vida dos outros em suas próprias performances” (Tsing, 2019: 41). E essa é uma importante consideração sobre raças caninas. Muitas delas são representadas como compósitos derivados do entrelaçamento de outras raças, tipos e variedades. Desde que corresponda às exigências, é possível que um clube cinófilo associado à FCI demande reconhecimento institucional para novas raças ou variedades de raças já existentes (FCI, 2005).

Valendo-me de expressão utilizada por Tsing (2019: 91-92), passagens como as apresentadas permitem imaginar que, como reflexo de histórias e relações interespecíficas ancestrais, qualidades e “capacidades inesperadas” se desenvolveram nas diferentes raças caninas, movimento interpretado como o florescer de disposições essenciais e comuns entre seus representantes. Mas, mais do que isso, elas não apenas se desenvolveram, como também teriam sido transmitidas para seus herdeiros. No entanto, em vez de se limitar ao legado hereditariamente transmissível e considerar apenas características genotípicas e fenotípicas, essas disposições são estendidas à propensões temperamentais e valores considerados ideais, incluindo, por exemplo, a “boa índole e incorruptível lealdade” da raça *schnauzer* (CBKC, 2007: 3), a “natureza nobre” da raça *cão de castro laboreiro* (CBKC, 2011b: 3) ou a “bravura, coragem” da raça *bullmastiff* (CBKC, 2011c: 3).

Quais sejam as representações em jogo, parece difícil imaginar o conjunto de características consideradas típicas e ideais para as raças caninas sem o resgate das histórias de sintonizações ancestrais e paisagens multiespécies das quais são tributárias, e isso mesmo que algumas partes desse passado, mais particularmente aquelas que geram representações



negativadas ou com um sentido muito próximo das “ecologias de proliferação da morte” apontadas por Tsing (2019: 112), sejam deixadas de lado – como, por exemplo, os perversos vínculos entre o regime nazista e a criação e desenvolvimento da raça *pastor alemão* (Rasmussen, 2016) – ou mesmo citados de forma breve – caso do “Padrão FCI” da raça *cão de santo Humberto* e a lembrança de seu uso não menos perverso “para a procura de escravos fugitivos [...] nos estados do sul” dos Estados Unidos da América (CBKC, 2001: 3).

Ao menos na maioria do conjunto de documentos analisados, a especificidade do corpo e da mente dos modelos ideais para as raças caninas é explicada como herança de um conjunto ancestral de sintonizações e “histórias sociais inscritas na forma” (Tsing, 2019: 127). Os diferentes formatos, tamanhos, cores, texturas e outras particularidades ideais das raças caninas são apresentados como resultado de um histórico de adaptabilidade ao ambiente (clima, topografia, etc.), de coordenações multiespécies, do trabalho humano de seleção com a raça e das especificidades culturais daqueles que teriam a levado adiante, e das capacidades funcionais decorrentes da conjugação desses elementos (como pastoreio, caça, guarda, companhia, entre outras). O produto dessa equação representa o que seria uma versão da imagem mais longínqua de ancestralidade das raças caninas, o germe essencial de onde suas características-chave (físicas e temperamentais) e seu “telos originário” (Wallen, 2011: 130, tradução livre) são resgatados para o imaginário e o cotidiano cinófilo.

Nesse íterim, como bem alertou Tsing (2019: 94), é importante “prestar atenção às temporalidades das paisagens”. No caso das raças caninas isso parece ser especialmente pertinente. De certo modo, é como se as narrativas de origem das raças caninas tentassem resgatar um momento-chave através das quais suas especificidades teriam sido “moldadas” (Tsing, 2019: 127), algo como uma fotografia de como eram e, o que é particularmente interessante, a “essência” do que a partir dali deveriam permanecer sendo. É com base nessa imagem ancestral que outro tipo de “justaposições temporais” (Tsing, 2019: 102) precisam ser operadas. Considerando que o dispositivo de “Padrão FCI” serve como guia ou referência para que criadores e árbitros cinófilos trabalhem de forma a preservar a tipicidade das raças caninas ao longo do tempo, não me parece equivocado sugerir que, à sua forma, esses documentos representam uma espécie de trilha para criar um elo entre diferentes camadas de temporalidade, entre passado ancestral e presente. Não em vão, o “Padrão FCI” da raça *terrier preto da Rússia* indica como “falta desqualificante” qualquer “desvio na direção das raças ancestrais” (CBKC, 2011d: 8).



Com isso em mente, recorro novamente a Anna Lowenhaupt Tsing. Se, para ela (2019: 134), a “contingência é a chave para histórias humanas e não humanas”, o trato analítico para pensar as raças caninas também precisa considerar desejos e investimentos para que as características distintivas ideais para cada raça canina se sucedam não de forma eventual, por acaso de certa coordenação e conjuntura histórica, mas de modo controlado e orientado para obtenção de exemplares o mais próximos possível do modelo ideal que as histórias de paisagens multiespécies ancestrais ilustram. Ou seja, se, no caso da autora que me inspira, “em meio a perturbações, simbioses, coordenações, histórias, as paisagens oferecem o inesperado” (Tsing, 2019: 116), com as raças caninas as paisagens multiespécies parecem fornecer elementos sobre o que “*esperar de*” ou “*buscar em*” uma raça! Trata-se de tentar contornar o imprevisível e qualquer aspecto que possa levar um exemplar a se afastar do “princípio de constância germinativa” (Wallen, 2011: 131, tradução livre) de sua raça.

As *invocações do eterno* começam a ceder lugar ao *particular*, ou melhor, às interações complexas entre ambos... Com base nas análises feitas até o momento, não parece arriscado sugerir que a forma como se explica a origem dos elementos formativos do conjunto de características consideradas típicas e ideais para as raças caninas, influencia no modo como se decide agir *com* e *sobre* os cães no cotidiano de criadores, *handlers*, árbitros cinófilos e outros do ramo cinófilo. É em nome dos critérios representados como produtos dessas histórias ancestrais e inscritos no dispositivo de “Padrão FCI” que certas opções de seleção, cruza, atividades laborais, formas de adestramento, entre outras, são direcionadas. Decerto isso não é novidade. Em texto basilar, “O animal que logo sou (A seguir)”, Jacques Derrida (2002: 51) já tinha alertado que, ao menos “no decurso dos dois últimos séculos”, as relações entre humanos e animais podem ser caracterizadas por formas de conhecimento (saberes zoológicos, etológicos, biológicos, genéticos) “sempre inseparáveis de técnicas de intervenção no seu objeto, de transformação de seu objeto mesmo, [...] o vivente animal”.

Se, como Donna Haraway (2019: 47, tradução livre) analisa essa obra, a nudez de Jacques Derrida em frente a seu gato ofereceu a seu leitor “a provocação de um olhar historicamente situado”, não convertendo seu gato em um “símbolo de todos os gatos”, as versões ideais descritas nos documentos de “Padrão FCI” indicam o contrário, isto é, representam justamente o símbolo ou arquétipo no qual todos os exemplares de carne e osso devem se enquadrar. Entre “criaturas de possibilidades imaginadas e criaturas de uma realidade feroz e ordinária; as dimensões se entrelaçam e requerem resposta” (Haraway, 2019: 27-28, tradução livre).



Novamente é preciso deslocar a atenção para os entrelaçamentos... A pista nesse sentido parece ser rastrear etnograficamente como questões concernentes ao mundo material, interações e conexões específicas transcendem ou são produzidas de forma relacional com representações sociais no cotidiano de criadores de cães de raça e outros envolvidos no ramo da cinofilia.

Decerto os desafios para tal são muitos, vide a própria diversidade ordinária de *cães de carne e osso* que rompe com as expectativas padronizadas que regem os modelos ideais e os *cães de papel*, as discordâncias entre cinófilos em torno do que seria ou não o modelo ideal para cada raça, ou mesmo as expectativas ambivalentes entre desejos fixistas (manutenção de características consideradas essenciais) e evolucionistas (de modificar e “melhorar” certos aspectos e capacidades) (Pellegrini, 2005). Considerando que parte do desejo de preservação ou “aprimoramento” da tipicidade das raças envolve não apenas representações sociais e mitologias de origem, mas também aspectos-chave como sangue, genes e retóricas de pureza, esse parece se tratar de um espaço profícuo para pesquisa. Símbolo e marcador de hereditariedade, é o sangue – ou a “linha de sangue” - que comporta sentidos genéticos que tornam possível envolvidos no ramo da cinofilia perpetuarem materialmente exemplares de certa linhagem em detrimento de outros. Os principais dispositivos ocupados de traçar, ou ao menos dar legitimidade, a essa conexão biológica entre membros de uma mesma raça e linhagem são o livro de registros genealógicos e o *pedigree*. Talvez um caminho de pesquisa profícuo passe por examinar esses dispositivos e, mais do que isso, investigar como eles, o “Padrão FCI” se relacionam e tornam possível – ou ao menos “eficaz”, no sentido evocado por Marcel Mauss (2003 [1934]) – estabelecer conexões entre ancestrais míticos e seus herdeiros de carne e osso, entre imaginação e matéria, entre passado e presente.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste escrito me propus a analisar os modos pelos quais clubes de canis explicam as origens do conjunto de características instituídas como típicas e ideais para as raças caninas. Para tal, me debrucei sobre documentos produzidos e veiculados pela Federação Cinológica Internacional (FCI) e a Confederação Brasileira de Cinofilia (CBKC). De forma geral, as narrativas de origem das raças caninas apresentadas nos documentos de “Padrão FCI” parecem trazer à tona a dimensão contextual e relacional da conformação de seus mais longínquos ancestrais. Valendo-me de recursos teóricos e conceituais elaborados por Tsing, tentei



demonstrar que esse conjunto de disposições físicas, temperamentais e funcionais que conformam a tipicidade ideal de uma raça – ou seja, os parâmetros inscritos e descritos nos documentos de padrão racial que devem ser respeitados e preservados em seus herdeiros contemporâneos de carne e osso, sob pena de não mais serem um membro legítimo da raça – são explicados como herança material de paisagens e histórias de sintonizações ou coordenações interespecíficas ancestrais. Nesse ínterim, dúvidas sobre como são performados os “saltos” ou a conexão entre ancestrais míticos e seus herdeiros de carne e osso, entre imaginação e matéria, entre passado e presente, surgiram como brecha para explorações futuras.

No entanto, como anunciei na introdução deste artigo, nem todas histórias de raças caninas são tecidas nesses termos. Para introduzir um pouco de sua diversidade e deixar algumas provocações em aberto, nestas considerações finais apresento as origens da raça *rastreador brasileiro*. A história de formação dessa raça data da metade do século XX. Sua criação está intimamente relacionada à história de Oswaldo Gudolle Aranha Filho (1921-2003), filho de Delminda Gudolle Aranha e Oswaldo Euclides de Souza Aranha (1894-1960), ator político reconhecido por sua atuação como ministro da Justiça e Assuntos Internos (1930-1931), da Fazenda (1931-1934) e das Relações Exteriores (1938-1944) no governo de Getúlio Vargas, e presidente da Assembleia Geral das Nações Unidas (1947-1948). Nascido em Itaqui, no estado do Rio Grande do Sul, Aranha Filho viveu entre Rio de Janeiro e Mato Grosso. Participou como soldado na segunda guerra mundial, dirigiu a empresa do ramo automobilístico de posse de sua família, foi presidente do Clube de Regatas do Flamengo, senador suplente, e, para o que convém ao presente artigo, se dedicou a criação de gado, cavalos árabes e cães.

O surgimento da raça *rastreador brasileiro* refletiu o desejo de Aranha Filho em criar uma raça de cães que tanto “defendesse o gado nas terras pantaneiras contra a onça da região” (GARRB, 2020), quanto ajudasse na caça às “onças e porcos do mato”, para isso devendo possuir bom faro para rastrear, capacidade de acuar a “presa para que o caçador pudesse atirar”, urrar e ser “resistente ao clima e ao terreno local” (GARRB, 2021a). Ao longo de vinte anos, Aranha Filho trabalhou na seleção e cruzamento de cães e “raças escolhidas a dedo, boa parte importada, outras oriundas das fazendas de São Paulo e Minas Gerais” (GARRB, 2020), incluindo raças como *foxhound americano*, *coonhound preto e castanho*, *grande azul da Gasconha*, *hound inglês preto e castanho*, *bluetick hound americano* e *veadeiro* (nome genérico dado a cães, de diferentes tipos e cores, que colaboravam na caça de veados) (GARRB, 2021a). De todos que passaram pelo canil de Aranha Filho, uma cadela em especial é ressaltada como



a principal "matriz" da raça, Lourinha. Posse de um criador mineiro, essa cadela foi dada como “presente ao ilustre interessado” tão logo seu criador descobriu se tratar de Aranha Filho, herdeiro “do ministro getulista Oswaldo Aranha” (CBKC, 2012c: 139). Como sugere informativo assinado por Paulo Godinho e veiculado pela Confederação Brasileira de Cinofilia (CBKC) no ano de 2012, também "exatamente pela importância do 'pedigree'", Aranha Filho conseguiu sem demoras o reconhecimento da raça junto ao Brasil Kennel Club (BKC), clube de canis que precedeu a CBKC, e à FCI, nos anos 1960 (CBKC, 2012c: 139).

No entanto, como espero ter demonstrado na terceira parte deste artigo, se a formação de uma raça é um assunto interespecífico, sua extinção, idem. No ano de 1973, o plantel de cães *rastreadores* de Aranha Filho enfrentou uma epidemia de piroplasmose, infecção causada por protozoários e transmitida através de carrapatos. No já citado informativo veiculado pela CBKC (2012c: 139), Paulo Godinho cita que, em conversa com Aranha Filho, esse criador contou que o triste processo de extinção da raça passou pela “imprudência de um dos empregados do seu canil, que exagerou na dose de um carrapaticida e não lhe sobrou nenhum”. Frustrado, Aranha Filho confidenciou a Paulo Godinho “desconhecer outros criadores que ainda pudessem ter Rastreadores, ou os criassem com regularidade”, de modo que, “para ele, a raça não existia mais” (CBKC, 2012c: 139).

Passados mais de trinta anos, em 2007 foi criado o Grupo de Apoio ao Resgate do Rastreador Brasileiro, mais tarde renomeado como Grupo de Aprimoramento da Raça Rastreador Brasileiro (GARRB). O objetivo da criação do grupo era reverter o processo de extinção pela qual a raça estava passando, e para isso, julgava-se necessário se manter “fiel aos ideais do fundador e criador da raça Rastreador Brasileiro, Oswaldo Aranha Filho” (GARRB, 2021b). Entre as atividades levadas adiante pelos integrantes do grupo (como manutenção de um livro de registros genealógicos, promoção de estudos técnicos, exposições, entre outras), o resgate da raça passou pela procura de “cães com descendência de Rastreador Brasileiro” (GARRB, 2021b). Diferente daquilo narrado por Paulo em documento da CBKC, o grupo acreditava que, antes do drama interespecífico que culminou com o fim da raça, Aranha Filho “presenteara alguns de seus cães para amigos” (GARRB, 2020). Como sugeriu Fábio Amorim, presidente em exercício da CBKC em 2020, este “grupo de criadores mapeou os filhotes e descendentes remanescentes do plantel de Oswaldo Aranha e conduziram um intenso trabalho de revitalização, seleção e reconstrução dessa formidável raça” (CBKC, 2020d: 9). O trabalho do grupo foi coroado com o reconhecimento da raça pela CBKC, procedimento que precedeu



seu reconhecimento internacional pela FCI. No primeiro padrão racial deste momento pós-extinção, ecoava a teoria de que, “antes de a raça ser considerada extinta, vários cães machos foram doados a caçadores de algumas regiões do país”, e esses “remanescentes”, por sua vez, “acasalaram com fêmeas geralmente de raças como Foxhound entre outras”, contribuindo para que, a despeito de ser declarada extinta, a raça se “mantivesse viva” (CBKC, 2013b: 3).

No entanto, é provocativo que, no novo padrão racial veiculado após o seu reconhecimento definitivo pela FCI (CBKC, 2020c), as explicações sobre sua história ganhem novas feições. No “breve resumo histórico” de seu “Padrão FCI”, a raça é elogiada por, “ao contrário de outras originadas de cruzamentos inter-raciais”, ter sido “desenvolvida por meio de seleção genética a partir do Foxhound Americano, com o objetivo de ajustar suas características funcionais e sua adaptação ao clima brasileiro” (CBKC, 2020c: 3). Antes celebrado como fruto da combinação de distintas raças e da seleção de Aranha Filho, o novo padrão da raça traz à tona uma supressão estratégica dessa origem e da expressão “entre outras” raças nas quais seus entusiastas teriam buscado a fonte do material biogenético diagnosticado como necessário para o resgate da raça. Histórias sobre a origem e a formação de raças caninas estão permanentemente abertas à atualização. A depender do contexto e daquilo que está em jogo, certos elementos podem ser mais ou menos valorizados para a coordenação que faz raças caninas e cães de raça. No caso da raça *rastreador brasileiro*, em especial, ancestrais míticos cederam lugar a cães de carne e osso, valorizados pelo *pedigree* - de criador e criatura. Paisagens e relações interespecíficas ganharam contornos um tanto diferentes, pois ainda que consideradas decisivas para o processo de seleção levado adiante por Aranha Filho, esses elementos são explicados menos como formativos de certa tipicidade, e mais como algozes, causadores de sua extinção. Tsing (2019: 98) já tinha alertado sobre essa via. Depois de examinar como os entes “emergem”, é importante observar e descrever “como eles negociam a sobrevivência e a continuidade histórica” junto de outras espécies companheiras. Para analisar as negociações que atravessam a emergência, sua continuidade ou não, a pista parece ser seguir rastreando detalhes e reunindo histórias.



Referências

- AGAMBEN, Giorgio. 2009. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos.
- ANZALDÚA, Gloria. 2000. “Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo”. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, 8 (2): 229-236.
- BARAD, Karen. 2017. “Performatividade pós-humanista: para entender como a matéria chega à matéria”. *Revista Vazantes*, 1 (1): 6-34.
- CBKC. Confederação Brasileira de Cinofilia. 1996. “Padrão FCI”, *raça rhodesian ridgeback*. In: https://cbkc.org/application/views/docs/padroes/padrao-raca_142.pdf (acessado em 27 de maio de 2020).
- _____. 1997. “Padrão FCI”, *raça tosa*. In: https://cbkc.org/application/views/docs/padroes/padrao-raca_69.pdf (acessado em 29 de janeiro de 2020).
- _____. 1998. “Padrão FCI”, *raça cesky terrier*. In: https://cbkc.org/application/views/docs/padroes/padrao-raca_77.pdf (acessado em 12 de junho de 2020).
- _____. 1999a. “Padrão FCI”, *raça hokkaido*. In: https://cbkc.org/application/views/docs/padroes/padrao-raca_110.pdf (acessado em 27 de maio de 2020).
- _____. 1999b. “Padrão FCI”, *raça cirneco do etna*. In: https://cbkc.org/application/views/docs/padroes/padrao-raca_107.pdf (acessado em 22 de maio de 2020).
- _____. 2001. “Padrão FCI”, *raça cão de santo humberto*. In: https://cbkc.org/application/views/docs/padroes/padrao-raca_133.pdf (acessado em 27 de maio de 2020).
- _____. 2004. “Padrão FCI”, *raça mudi*. In: https://cbkc.org/application/views/docs/padroes/padrao-raca_12.pdf (acessado em: 12 de junho de 2020).
- _____. 2005. “Padrão FCI”, *raça kerry blue terrier*. In: https://cbkc.org/application/views/docs/padroes/padrao-raca_83.pdf (acessado em 12 de junho de 2020).
- _____. 2007. “Padrão FCI”, *raça schnauzer*. In: https://cbkc.org/application/views/docs/padroes/padrao-raca_62.pdf (acessado em 27 de janeiro de 2020).
- _____. 2009a. “Padrão FCI”, *raça fox terrier pelo duro (wire)*. In: https://cbkc.org/application/views/docs/padroes/padrao-raca_80.pdf (acessado em 22 de maio de 2020).
- _____. 2009b. “Padrão FCI”, *raça perdigueiro português*. In: https://cbkc.org/application/views/docs/padroes/padrao-raca_153.pdf (acessado em 21 de maio de 2020).
- _____. 2009c. “Padrão FCI”, *raça podengo português*. In: https://cbkc.org/application/views/docs/padroes/padrao-raca_119.pdf (acessado em 21 de maio de 2020).
- _____. 2009d. “Padrão FCI”, *raça biewer terrier*. In: https://cbkc.org/application/views/docs/padroes/padrao-raca_216.pdf (acessado em 28 de maio de 2020).



- _____. 2011a. “*Padrão FCI*”, *raça pastor da ásia central*. In: https://cbkc.org/application/views/docs/padroes/padrao-raca_55.pdf (acessado em 29 de janeiro de 2020).
- _____. 2011b. “*Padrão FCI*”, *raça cão de castro laboreiro*. In: https://cbkc.org/application/views/docs/padroes/padrao-raca_34.pdf (acessado em 31 de janeiro de 2020).
- _____. 2011c. “*Padrão FCI*”, *raça bullmastiff*. In: https://cbkc.org/application/views/docs/padroes/padrao-raca_33.pdf (acessado em 31 de janeiro de 2020).
- _____. 2011d. “*Padrão FCI*”, *raça terrier preto da rússia*. In: https://cbkc.org/application/views/docs/padroes/padrao-raca_67.pdf (acessado em 26 de maio de 2020).
- _____. 2012a. “*Padrão FCI*”, *raça mastim espanhol*. In: https://cbkc.org/application/views/docs/padroes/padrao-raca_50.pdf (acessado em 27 de janeiro de 2020).
- _____. 2012b. “*Padrão FCI*”, *raça smoushond holandês*. In: https://cbkc.org/application/views/docs/padroes/padrao-raca_66.pdf (acessado em 27 de janeiro de 2020).
- _____. 2012c. Informativo CBKC, nº 40.
- _____. 2013a. *Manual de Estrutura e Dinâmica do Cão*. In: https://cbkc.org/application/views/imagens/noticias/pdf-noticias_9.pdf (acessado em 19 de maio de 2020).
- _____. 2013b. “*Padrão FCI*”, *raça rastreador brasileiro*. Indisponível. (acessado em 09 de abril de 2020).
- _____. 2014. “*Padrão FCI*”, *raça xoloitzcuintle*. In: https://cbkc.org/application/views/docs/padroes/padrao-raca_253.pdf (acessado em 22 de maio de 2020).
- _____. 2015a. “*Padrão FCI*”, *raça braco italiano*. In: https://cbkc.org/application/views/docs/padroes/padrao-raca_149.pdf (acessado em 21 de maio de 2020).
- _____. 2015b. “*Padrão FCI*”, *raça akita americano*. In: https://cbkc.org/application/views/docs/padroes/padrao-raca_103.pdf (acessado em 27 de maio de 2020).
- _____. 2015c. “*Padrão FCI*”, *raça lagotto romagnolo*. In: https://cbkc.org/application/views/docs/padroes/padrao-raca_175.pdf (acessado em 12 de junho de 2020).
- _____. 2015d. “*Padrão FCI*”, *raça buldogue francês*. In: https://cbkc.org/application/views/docs/padroes/padrao-raca_184.pdf (acessado em 21 de maio de 2020).
- _____. 2015/2016. *Instruções Específicas para Raças: abordando os exageros de tipo e outras áreas de risco, afetando a saúde de cães de raça pura*. In: https://cbkc.org/application/views/imagens/noticias/pdf-noticias_14.pdf (acessado em 28 de janeiro de 2020).
- _____. 2016. “*Padrão FCI*”, *raça pastor da anatólia*. In: https://cbkc.org/application/views/docs/padroes/padrao-raca_56.pdf (acessado em 27 de janeiro de 2020).



- _____. 2017a. *Julgando o rottweiler.* In: https://cbkc.org/application/views/imagens/noticias/pdf-noticias_24.pdf (acessado em 22 de maio de 2020).
- _____. 2017b. *Julgando o doberman pinscher.* In: https://cbkc.org/application/views/imagens/noticias/pdf-noticias_22.pdf (acessado em 22 de maio de 2020).
- _____. 2017c. *“Padrão FCI”, raça parson russell terrier.* In: https://cbkc.org/application/views/docs/padroes/padrao-raca_88.pdf (acessado em 12 de junho de 2020).
- _____. 2018a. *Regulamento de Exposições.* In: https://cbkc.org/application/views/docs/regulamentos/regulamentos_15.pdf (acessado em 03 de junho de 2020).
- _____. 2018b. *“Padrão FCI”, raça terrier brasileiro.* In: https://cbkc.org/application/views/docs/padroes/padrao-raca_94.pdf (acessado em 27 de maio de 2020).
- _____. 2018c. *“Padrão FCI”, raça pastor de kangal.* In: https://cbkc.org/application/views/docs/padroes/padrao-raca_231.pdf (acessado em 27 de janeiro de 2020).
- _____. 2020a. *Raças.* In: <https://cbkc.org/racas> (acessado em 27 de janeiro de 2020).
- _____. 2020b. *CBKC e AnimallTag apresentam o Microchip CBKC.* In: https://cbkc.org/noticias/ler/cbkc_e_animalltag_apresentam_o_microchip_cbkc (acessado em 09 de junho de 2020).
- _____. 2020c. *“Padrão FCI”, raça rastreador brasileiro.* In: https://cbkc.org/application/views/docs/padroes/padrao-raca_224.pdf (acessado em 03 de agosto de 2021)
- _____. 2020d. *Relatório anual de atividades cinófilas.* In: <https://cbkc.org/cbkc/estatisticas/2020> (acessado em 22 de junho de 2021).
- DERRIDA, Jacques. 2002. *O animal que logo sou (A seguir).* Tradução de Fábio Landa. São Paulo: Editora UNESP.
- DIGARD, Jean-Pierre. 2012. “A biodiversidade doméstica, uma dimensão desconhecida da biodiversidade animal”. *Anuário Antropológico*, 37 (2): 205-223.
- FCI. Federação Cinológica Internacional. 2005. *Reflexiones sobre el procedimiento de reconocimiento de nuevas razas por la FCI.* In: <http://www.fci.be/medias/SCI-ART-RNR-BDE-MAG-001-2005-court-es-610.pdf> (acessado em 10 de março de 2020).
- _____. 2010. *Estrategias internacionales de Cría de la FCI.* In: <http://www.fci.be/medias/ELE-REG-STR-es-2251.pdf> (acessado em 28 de janeiro de 2020).
- _____. 2013. *Reglamento internacional de Cría de la FCI.* In: <http://www.fci.be/medias/ELE-REG-es-10993.pdf> (acessado em 28 de janeiro de 2020).
- _____. 2020a. *História.* In: <http://www.fci.be/es/Historia-de-la-FCI-1.html> (acessado em 27 de janeiro de 2020).
- _____. 2020b. *FCI breeds nomenclature.* In: <http://www.fci.be/en/Nomenclature/> (acessada em 24 de janeiro de 2020).
- _____. Sem data. *Modelo de Estándar FCI.* In: <http://www.fci.be/medias/FCI-REG-RGT-STA-MOD-ANN-006-es-11327.doc> (acessado em 20 de maio de 2020).
- GARRB. Grupo de Aprimoramento da Raça Rastreador Brasileiro. 2020. *Biografia de Oswaldo Aranha Filho, por Angela Aranha Coelho, filha do idealizador da raça Rastreador Brasileiro.* In:



- http://www.rastreadorbrasileiro.com.br/mobile/frame.php?pagina=noticia.php&ID_AR TIGO=265&DESTINO=NOT% CDCIA (acessado em 03 de agosto de 2021)
- _____. 2021a. Origem da raça: desenvolvimento e reconhecimento. In: <http://www.rastreadorbrasileiro.com.br/mobile/frame.php?pagina=textos.php&DESTINO=ORIGEM%20DA%20RA% C7A#localizador> (acessado em 03 de agosto de 2021)
- _____. 2021b. Histórico do GARRB. In: <http://www.rastreadorbrasileiro.com.br/mobile/frame.php?pagina=textos.php&DESTINO=HIST%D3RICO%20DO%20GARRB#localizador> (acessado em 03 de agosto de 2021)
- HARAWAY, Donna. 2003. *The companion species manifesto: dogs, people, and significant otherness*. Chicago: Prikly Paradigm Press.
- _____. 2019. “Cuando las especies se encuentran: introducciones”. *Tabula rasa*. Bogotá: Colômbia, (31): 23-75.
- INGOLD, Tim. 2015. “Histórias contra a classificação: transporte, peregrinação e a integração do conhecimento”. In: _____. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Tradução de Fábio Creder. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 230-242.
- MACIEL, Maria Esther. 2016. *Literatura e animalidade*. 1ª Edição, Rio De Janeiro: Civilização Brasileira.
- MAUSS, Marcel. 2003. “As técnicas do corpo”. In: _____. *Sociologia e Antropologia*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, p. 399-422.
- PELLEGRINI, Patricia. 1999. *De l'idée de race animale et de son évolution dans le milieu de l'élevage*. In: <https://journals.openedition.org/ruralia/112> (Acessado em 09 de setembro de 2019).
- RASMUSSEN, Claire. 2016. “Domesticating Bodies: Race, Species, Sex, and Citizenship”. In: GRANT, Judith; JUNGKUNZ, Vincent G. (Edit.). *Political theory and the animal/human relationship*. Albany: New York Press, p. 75-101.
- ROCHA, Zeferino. 2006. “O amigo, um outro si mesmo: a *Philia* na metafísica de Platão e na ética de Aristóteles.” *Psyche*, São Paulo, 10 (17): 65-86.
- SILVERSTEIN, Ianai. 2007. *Para un análisis semiótico de la cinofilia*. In: <http://www.chasque.net/frontpage/relacion/0703/perros.htm> (Acessado em 20 de agosto de 2019).
- TAUSZ, Bruno. 1997. *Dicionário de cinologia*. São Paulo: Nobel.
- TSING, Anna Lowenhaupt. 2015. “Margens Indomáveis: cogumelos como espécies companheiras.” *Ilha*, 17 (1): 177-201.
- _____. 2019. *Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no antropoceno*. Edição de Thiago Mota Cardoso e Rafael Victorino Devos. Brasília: IEB Mil Folhas.
- WALLEN, Martin. 2011. “Foxhounds, curs, and the dawn of breeding the discourse of modern human–canine relations.” *Cultural Critique*, 79 (1): 125-151.
- WORBOYS, Michael; STRANGE, Julie-Marie; PEMBERTON, Neil. 2018. *The invention of the modern dog: breed and blood in Victorian Britain*. Baltimore: Johns Hopkins University Press.